

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS

MIRELLA MALAGRINE BASTI

CAMINHOS PARA TRABALHAR AS DIVERSIDADES:
experiências em diferentes instituições educacionais

SÃO PAULO

2024

MIRELLA MALAGRINE BASTI

CAMINHOS PARA TRABALHAR AS DIVERSIDADES:

experiências em diferentes instituições educacionais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Artes Visuais da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sumaya Mattar.

SÃO PAULO

2024

Resumo: A pesquisa comprehende um recorte acerca do trabalho realizado pelas professoras L.¹ e G.², acerca da temática Diversidades. As professoras atuam em escolas diferentes, uma na Rede Municipal e a outra em um colégio privado em São Paulo, e pude estagiar em ambas ao longo dos anos de 2022 a 2024. A partir de uma experiência presenciada por mim em uma aula em setembro deste ano, comecei a refletir sobre o que significa esse termo “Diversidades”, que é amplamente utilizado nos dias de hoje. A investigação consistiu em mapear diferentes definições, entender de que maneira elas aparecem na escola e de como essa temática alcançou essa importância. A realização de entrevistas como material principal de pesquisa para a realização do texto se mostra como instrumento de análise de práticas pedagógicas que acontecem atualmente e como essa questão é enxergada pelas professoras.

Palavras-chave: Diversidades, educação escolar, ensino de arte , G.; L.

¹ A abreviação do nome da docente foi adotada para a preservação de sua identidade.

² A abreviação do nome da docente foi adotada para a preservação de sua identidade.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	5
1.1 Das vivências que pude ter ao longo da graduação.....	5
1.2 O ponto de partida.....	7
2.ENTREVISTAS.....	10
2.1 Apresentação das entrevistadas.....	11
2.2 O entendimento sobre as Diversidades.....	12
2.3 Desafios encontrados ao tratar da temática Diversidades na sala de aula.....	16
2.4 Caminhos possíveis para se trilhar.....	20
3.VIVÊNCIAS QUE ME MARCARAM.....	24
3.1 Turma do 1ºD de 2023.....	24
3.2 Turmas do 4ºano de 2024.....	30
4 Conclusão.....	37
5 REFERÊNCIAS.....	38

1.INTRODUÇÃO

1.1 Das vivências que pude ter ao longo da graduação

Durante estes quase seis anos em que estou vivendo o curso de Artes Visuais na Universidade de São Paulo, posso dizer que mais da metade deste tempo estive dedicada à área da Licenciatura. Iniciei as disciplinas de educação no primeiro ano de pandemia, e desde lá tive a oportunidade de estar fisicamente e virtualmente em diversos ambientes que contribuíram para o meu aprendizado na arte educação. Em 2021, pude entrar no projeto Residência Pedagógica, no qual permaneci até 2022, e em que pude ver um pouco o desafio que as escolas municipais enfrentaram durante os anos de pandemia, com as aulas remotas e problemas como dificuldades de acesso e de permanência dos alunos, o desgaste dos professores e instituições para propiciar o mínimo de recursos para os alunos e também para cumprir com as atividades escolares. Ainda que em um contexto caótico, as trocas com os professores preceptores e demais bolsistas trouxeram novas perspectivas de trabalhos e projetos, e a abertura para a nossa participação fez com que pudéssemos propor regências e colocá-las em prática.

Ainda dentro do projeto, retomando as atividades presenciais após passadas as fases mais complicadas da COVID 19, pude frequentar as escolas e entender mais sobre a relação dos corpos com o ambiente. Como é importante conhecermos o local em que estamos atuando e levar em consideração toda a cultura que ali já existe na prática, de dentro de sala de aula. As escolas existem a partir das pessoas que as frequentam, portanto, ao adentrar este ambiente para estudar ou trabalhar, trazemos toda nossa bagagem conosco. Para mim, uma das coisas mais marcantes deste projeto foi estar dentro da Escola Municipal de Ensino Fundamental Espaço de Bitita, e poder acompanhar o calendário de início de ano dos professores, os quais realizam uma andança pelo bairro e passam por figuras que ali moram há muito tempo, centros de convivência e acolhida, praças, conjuntos habitacionais, postos de saúde, e até às demais escolas da região. Neste dia, entendi que o papel da escola é estar aberta para entender as demandas de cada ambiente, e estas não serão sempre as mesmas.

Posteriormente, comecei a trabalhar em uma escola municipal na região do Butantã, onde eu estava residindo, através de um programa de estágio voltado para licenciaturas no geral. Neste programa, tive a oportunidade de atuar dando suporte para crianças que possuíam alguma necessidade especial. Foi uma experiência desafiadora; no meu primeiro ano nesta escola, acompanhava o desenvolvimento de três alunos específicos, cada um em

uma sala de terceiro ano do fundamental; pude aprender mais sobre a inclusão dentro da rede pública, como funcionam as salas Multiuso e o que estava ao nosso alcance para proporcionar a eles.

Lembro que um dos alunos que eu acompanhava tinha paralisia cerebral, sendo assim, não falava, e ficava quase o tempo todo em uma cadeira de rodas que possuía uma mesa de encaixe (depois vim a descobrir que a escola havia se mobilizado para comprar esta cadeira para que ele conseguisse ficar mais confortável no ambiente). Para mim, que havia tido apenas uma breve experiência com educação especial numa disciplina da faculdade, foi bastante difícil no começo, principalmente de entender o meu lugar ali na escola. Mas como ressaltei anteriormente, cada lugar possui uma necessidade específica, e com o tempo, junto com as professoras de cada turma, fomos pensando em estratégias e propostas que pudesse atender as necessidades de cada criança.

Fico feliz por ter acompanhado esses alunos, pois, sei que a inclusão ainda é um desafio, e a forma como está sendo aplicada hoje em dia ainda não é a ideal, muitas vezes sobrecarregando demais um professor responsável e deixando a criança que necessita de uma atenção individualizada de lado. Acredito que de certa forma ajudei no processo deles de alguma maneira, mesmo que às vezes sendo apenas uma companhia.

No ano seguinte, nesta mesma escola, 2023, acompanhei uma turma de forma fixa, sendo uma sala de primeiro ano. Neste meu segundo ano pude trabalhar com uma professora que já conhecia na escola e por quem tenho um imenso carinho e admiração. Também pude desenvolver um vínculo mais próximo com a turma e conhecer o desenvolvimento de cada estudante ao longo do ano foi gratificante. Apesar de ter entrado mais em contato com a área da alfabetização, pude entender bem melhor o funcionamento da escola, as demandas, e por ter abertura em sala com a professora, pude ministrar algumas regências e propostas dentro da minha formação.

Outra experiência para mim significativa ao longo de 2022 e 2023 foi a participação na bolsa Acervo de Múltiplas Vozes: narrativas de experiências com arte e educação, projeto de pesquisa coordenado pela professora Sumaya Mattar, no qual pude me envolver diretamente com a pesquisa através da História Oral. O contato com a área iniciou ainda antes, em um disciplina da licenciatura chamada História do ensino das artes visuais no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas, ministrada pela mesma professora, que tem como objetivo propiciar uma reflexão decolonial do ensino das artes visuais, buscando narrativas e conhecimentos através da metodologia da história oral. A partir desta disciplina, realizei entrevistas e pude escrever um artigo acerca do trabalho de duas artistas/artesãs, residentes de Diadema, Marisa Brito e Elvira de Brito. Essa

experiência de pesquisa e escrita me permitiu enxergar novas formas de pesquisar e refletir acerca da educação.

Em 2024, adentrei em uma escola da rede privada em São Paulo, na qual consegui estar dentro do ateliê de Artes. Atualmente, acompanho o período da manhã no ateliê e o trabalho desenvolvido por dois professores do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, e estes contribuem muito para o meu desenvolvimento pessoal como educadora, sempre compartilhando os planejamentos e me instigando a trazer minhas contribuições e planos de aula próprios.

1.2 O ponto de partida

O presente artigo se configura como uma pesquisa e reflexão que me acompanharam ao longo da graduação como um todo, mas que ganhou forma após um episódio presenciado por mim em uma aula na escola em que faço estágio atualmente. Durante este episódio, os alunos estavam estudando sobre a temática das diversidades, e, ao longo da discussão, algumas colocações realizadas por eles fizeram com que eu me questionasse sobre como esse assunto esteve presente em minha formação e qual a nossa responsabilidade enquanto educadores ao abordar tais questões, levando em conta as características específicas de cada instituição de ensino.

No início deste ano (2024), como já mencionado, iniciei um estágio na área de artes, em um colégio da rede particular de São Paulo, no qual atuo dando assistência aos professores de Artes do Ensino Fundamental I. Neste cargo, uma de minhas responsabilidades é a preparação dos materiais a serem utilizados pelos estudantes dentro das aulas; deste modo, não foi surpresa para mim quando, no início do segundo semestre, eu e as demais estagiárias de artes recebemos a atribuição de uma demanda para os 5ºs anos: separar livros infantis que estivessem dentro da temática “Diversidades”. Tal tarefa estava relacionada a um projeto de longa duração que seria desenvolvido com essa série e o resultado consistiria na confecção de um *stop motion*³sobre essa temática. Os livros seriam destinados aos alunos da manhã e da tarde, para serem usados como material de estudo e embasar a criação de narrativas em grupos e posteriormente a execução do *stop motion* em si. Assim, nas duas últimas semanas de julho, antes do retorno dos estudantes e no meu retorno

³Stop Motion é uma técnica de animação que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto para simular o seu movimento.

do recesso escolar, iniciei a busca por histórias que contivessem elementos acerca desta temática.

Fui orientada pela professora a buscar histórias que mostrassem diversidades no sentido: cultural, étnico-racial, social e da natureza. Durante algumas manhãs no mês de julho, fiquei na biblioteca lendo as obras que se encaixassem neste contexto e separando-as dentro das seções, além de realizar um pedido de compra para a escola adquirir mais títulos que contemplassem os assuntos. Ao todo, consegui reunir cerca de trinta títulos⁴, antes do retorno dos estudantes, que continham histórias sobre preconceito racial, desigualdade entre homens e mulheres, imigração, espécies diferentes de seres vivos se relacionando, narrativas sobre contextos sociais distintos, pessoas com deficiências, dentre outros .

Na primeira semana de agosto, as turmas iniciaram os estudos sobre animação, para consolidar alguns conceitos, como a produção de um *Storyboard*⁵, um *flipbook*⁶, além de entenderem a história do pré-cinema. Mais ou menos no meio de setembro, chegou o momento de iniciarem os estudos das bibliografias acerca da temática do projeto: Diversidades. A professora me perguntou se eu gostaria de conduzir essa aula para as três turmas da manhã, apresentando o material bibliográfico a ser estudado por eles, já que eu havia me dedicado anteriormente à leitura e separação dos títulos. Apesar de um pouco receosa, fiquei feliz com a oportunidade e concordei.

Para a realização da dinâmica de sensibilização temática, separamos as turmas em grupos de três a quatro alunos, que já seriam os grupos definitivos do projeto stop motion. Em cada um dos grupos, entreguei uma pilha com alguns dos títulos selecionados. Dei a eles cerca de quinze minutos para que lessem a quantidade de histórias que conseguissem, e que, no processo, pensassem em algumas perguntas: “Qual a temática central do livro?”, “Quem são os personagens?, Você identifica algum problema/conflito a ser resolvido durante a história?”. Após este período, por sugestão da professora, passamos um curta-metragem animado da Disney, chamado “Float”, que trazia a história de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. Ao fim do vídeo, convidei cada grupo a compartilhar suas percepções sobre

⁴ Dentre os títulos: Monstro Rosa; Tulu em busca de um lugar para viver; O cabelo de Lele; Tom; Princesa Kevin; O que nos faz humanos; Pele; Dino e Saura; O caminho para a Casa de barro; Sulwe; A cor de Coraline; E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas; Amor de cabelo; Lá e Aqui; O cavaleiro da Lua; Migrantes; Yakuba; A pescaria do Curumim e outros poemas indígenas; O saci verdadeiro, etc.

⁵ *Storyboard* ou Esboço sequencial são organizadores gráficos tais como uma série de ilustrações ou imagens arranjadas em sequência com o propósito de pré-visualizar um filme, animação ou gráfico animado.

⁶ *Flipbook* é uma coleção de imagens organizadas sequencialmente, em geral no formato de um livreto para ser folheado dando impressão de movimento, criando uma sequência animada sem a ajuda de uma máquina.

as narrativas e os assuntos que apareceram em suas leituras. Devo frisar que os alunos nesta dinâmica não tinham conhecimento ainda sobre qual seria a temática norteadora do projeto de animação de 2024, e o intuito do compartilhamento era que percebessem por si sós, através de suas colocações, que se tratava do assunto “Diversidades”. Começamos a roda de falas, e, enquanto traziam suas contribuições, eu anotava as temáticas levantadas por eles em uma jamboard⁷, para que no final da conversa pudéssemos realizar um cruzamento de percepções.

Na primeira turma, quando o compartilhamento iniciou, percebi um tom bem desinteressado dos estudantes sobre os livros, fazendo comentários satíricos acerca das narrativas. Inicialmente, pensei ser por conta da linguagem infantil das histórias, já que, por se tratar de crianças mais velhas, pouco se interessavam mais por obras deste estilo. Porém, a cada mesa que contava suas impressões, essa situação de desrespeito se agrava. Alguns momentos que marcaram muito foram quando houveram alunos rindo de um livro que trazia a história de uma menina que sonhava em ser uma sereia devido à sua condição motora de não ter o movimento das pernas. Em outro instante, trataram com graça o garoto da história “Princesa Kevin” que usava vestidos ao invés de calça. Em outra mesa, houve comentários sobre um “pobretão” da história “A grande fábrica de palavras”, narrativa que retrata uma realidade de desigualdade social extrema vivida pelo personagem.

Lógico que houve contribuições positivas de muitas crianças, principalmente sobre os livros da coleção “Bicho Bolota”, contando sobre criaturas que de alguma forma não se encaixavam nos ambientes em que estavam inseridas. Achei curioso o fato de compreenderem as mensagens acerca de criaturas fantasiosas, mas, ao se tratar de situações com pessoas, não ocorrer a mesma interpretação. Por conta da postura desrespeitosa que tiveram acerca do conteúdo/material da aula, a professora interrompeu o momento de compartilhamento para ter uma séria conversa com a turma sobre a necessidade de respeito com os livros e com as histórias, que por mais distantes que possam parecer, representam de forma lúdica acontecimentos da vida real.

Uma das alunas da turma, ao fim da aula, desabafou para nós que se sentiu muito mal ao escutar os comentários dos colegas sobre as histórias e que em seu grupo tentou diversas vezes dialogar sobre comentários e posturas que considerava preconceituosos. A turma saiu cabisbaixa após a represália, porém, a intervenção precisou ser feita para que ao menos

⁷ O Jamboard é um quadro interativo desenvolvido pelo Google.

percebessem como suas falas poderiam estar assumindo um tom preconceituoso e como isso poderia representar um grande problema, tanto agora como no futuro.

Nas turmas seguintes, fui orientada pela professora a frisar, logo no início da aula, que comentários desrespeitosos sobre as narrativas não seriam tolerados, e que as análises dos livros eram importantes para eles terem contato com realidades que muitos nunca vivenciaram. Ao longo do dia, não tivemos mais problemas com relação ao surgimento de falas e atitudes desrespeitosas, mas, assim como na primeira turma, percebi um afastamento quase total dos alunos das narrativas que não fossem as da coleção do “Bicho bolota”.

Depois deste episódio, fiquei muito pensativa a respeito da reação dos alunos às temáticas trazidas e sobre seu distanciamento quase total com questões relacionadas a desigualdade social, raça e gênero, entre outras. Peguei-me refletindo sobre minhas experiências anteriores na educação, quando pude estar em instituições públicas, nos anos de 2022 e 2023 e em uma escola municipal na região do Rio Pequeno. As questões acerca de diversidades apareciam quase que diariamente e exigiam um tratamento muito cuidadoso por se tratar de vivências que quase todos os estudantes compartilhavam. Apesar dos contextos socioeconômicos das instituições serem muito diferentes, o trabalho acerca desse tema é essencial em ambas, e essa interação com o 5º ano me fez querer entender o que se comprehende por diversidades e como essa temática pode ser trabalhada em ambientes distintos.

Partindo das experiências que pude ter nos últimos anos, refleti sobre como esse tópico têm se apresentado a mim desde o início da graduação e as minhas experiências profissionais. Pensando nisso, para aprofundar a discussão e a percepção acerca do tema, adotei o método de realização de entrevistas, escolhendo fazer isso com duas professoras com quem pude trabalhar nos últimos anos, cujos projetos docentes inserem essa temática a todo momento. Através das percepções de ambas, em diferentes ambientes, pude entender algumas questões que permeiam suas vivências, relacionando-as com referências diversas, além de minhas próprias reflexões.

2.ENTREVISTAS

A escolha por entrevistar pessoas com quem já pude conviver profissionalmente se apresentou como uma perspectiva de trazer trabalhos que sei que são colocados em prática. Propus-me, ao longo das entrevistas, entender as perspectivas de cada professora em relação aos ambientes em que estão inseridas e aos métodos adotados, assim como trazer referências e reflexões acerca de suas metodologias e modos de pensar.

2.1 Apresentação das entrevistadas

A primeira das entrevistas foi realizada com a professora G. com quem atualmente trabalha, e aconteceu no dia 06 de novembro de 2024, em São Paulo, e teve duração de trinta minutos. Ao contar um pouco sobre suas experiências na área de educação, relatou que após cursar Artes Visuais na Faculdade Paulista de Artes, iniciou sua jornada em escolas no ano de 2014, totalizando agora dez anos de atuação em salas de aula. Em sua trajetória, passou exclusivamente por escolas privadas, com perfis de ensino tradicionais e construtivistas. Leciona atualmente em dois colégios, um na região de Pinheiros e o outro na estação Paraíso do metrô, e dá aulas para as turmas de 4º s e 5ºs anos, totalizando oito turmas.

A segunda entrevista ocorreu no dia 13 de novembro de 2024, com vinte e seis minutos de duração, e também foi realizada em São Paulo, por vídeo chamada, pelo Google Meet⁸, com a professora L.. Esta relatou que sua jornada na educação aconteceu de forma muito natural, desde que se formou no colégio. Conta que na época, ainda jovem, foi incentivada pela mãe e pela irmã, que já eram da área da educação, a cursar Magistério, e logo em seguida foi cursar licenciatura em Educação Física. Atuou alguns anos na área, mas ao ser aprovada em um concurso público para professora de anos iniciais, apaixonou-se pela alfabetização e não retornou às quadras. Teve oportunidade de atuar em escolas da região de Osasco e Zona Oeste de São Paulo, local onde reside, e passou pelo cargo de Direção escolar por alguns anos. Conta que nunca teve problemas em se manter nas escolas e que fez poucas mudanças ao longo de sua carreira de mais de trinta anos. Leciona desde 2017 em uma EMEF⁹ da região do Rio Pequeno, optando sempre por trabalhar com as faixas etárias de 1º ao 5º ano, mas assumindo a preferência pelos anos iniciais.

⁸ Plataforma de videoconferência do Google que permite realizar chamadas com áudio e vídeo

⁹ Escola Municipal de Ensino Fundamental

Com essas informações em mente, parti para a elaboração de um roteiro de perguntas que pudesse contemplar a atuação de ambas as profissionais, mesmo que lecionando em áreas diferentes: Artes e Alfabetização . O roteiro elaborado foi o seguinte:

- Pode contar um pouco sobre a sua trajetória na educação?
- Há quanto tempo você trabalha nessa escola especificamente?
- Para você, o que é diversidade?
- Você considera essa escola diversa?
- Quais são os desafios de se tratar sobre esse assunto em sala de aula?
- Você observa resistência por parte dos alunos quando esses assuntos são abordados?
- A presença de alunos diferentes entre si facilita a compreensão deles acerca desta discussão?
- Você enxerga como papel da escola preparar os alunos para lidarem com as diversidades?
- A escola oferece formação aos professores sobre essa temática?
- Você adota práticas em seu cotidiano para tratar sobre essas temáticas? Se sim, pode contar um pouco sobre elas?

A partir das respostas trazidas por cada entrevistada, tentei realizar uma contextualização sobre como esta pauta é vista hoje nas escolas e qual a relevância de ser discutida. Ao realizar a transcrição de ambas as entrevistas, pude elencar alguns pontos chaves para traçar minhas reflexões, juntamente com a contribuições de referências bibliográficas.

2.2 O entendimento sobre as Diversidades

Nos dias de hoje, muito se discute acerca das diversidades, principalmente dentro do contexto escolar. Segundo o Dicionário Michaelis, o termo diversidade é definido como: “1. Qualidade ou estado do que é diverso; variedade; diferença, dessemelhança, divergência; conjunto de características diversas em uma coletividade que diferenciam indivíduos, grupos sociais ou coisas; multiplicidade”.

Ao questionar a professora G. sobre o que ela entendia como diversidade, esta foi a resposta:

“(...) Eu acho que tem a ver com a ideia de origem, com a ideia de costume, acho que tem a ver também com a ideia de gosto, de preferências, de condições, né, de condições de existência, de possibilidades, então acho que a diversidade (...) é algo que tem a ver com a experiência humana, porque não é todo mundo que experiencia a vida e as coisas da mesma maneira. E isso pode se dar por diferentes razões, pode se dar por uma questão étnica, que isso vai ter um impacto social que vai ser muito definitivo, definitivo para determinadas questões e para como a vida dessa pessoa vai se desenrolar, tem a ver também com questões culturais, com questões ambientais, com criação, com crença, tradição, então eu acho que diversidade, primeiramente, para mim, parte desse lugar, assim, que é algo que faz parte da nossa existência por essência e que pode surgir por diferentes maneiras, né? Então, pela cor da pele, pelos traços, pela origem, pelo lugar onde você vive, se você é homem, se você é mulher, como que você vai se identificar também quanto gênero, o papel social que você desempenha (...).” (G. entrevista pessoal, 06 de nov. 2024).

Esta resposta se relaciona diretamente com a definição trazida pelo dicionário anteriormente, já que pressupõe que a diversidade se trata das multiplicidades nos lugares. Ao fazer a mesma pergunta para a professora L. acerca desse assunto, ela respondeu que:

“Para mim, diversidade é tudo junto e misturado, como diz. São pessoas diferentes, são coisas diferentes, mas ao mesmo tempo devem estar todas ocupando o mesmo lugar, tendo a mesma oportunidade, independentemente da cor, independente do físico, da aparência.” (L., entrevista pessoal, 13 de nov. de 2024).

A visão das duas educadoras se complementa, no sentido de que ambas trazem a questão de que cada pessoa é única e todos devem ter os mesmos direitos de acesso. Para além de conceber essas existências variadas, e de uma definição generalista do termo, podemos entender que diversidade trata sobre as diferenças, mas quais são as essas diferenças que tanto são discutidas e repensadas para entrar nos currículos escolares? De quem/que estamos tratando? Quando esse debate se iniciou?

Segundo a autora Windyz Brazão Ferreira, em seu artigo “O Conceito de Diversidade no BNCC Relações de Poder e interesses ocultos”, o termo “diversidade” tornou-se pauta mundial nos últimos anos, aparecendo em várias áreas, inclusive na educação. Essa discussão ganhou grande importância a partir da globalização, e, como resultado de uma agenda de diversos países vistos como potências mundiais. Através do texto, é possível entender que antes dos anos 1990 a educação era reservada a grupos historicamente privilegiados, com

conteúdos formulados para atender suas necessidades e perpetuar seus privilégios. A autora coloca:

“O processo da globalização da economia, impulsionado pela revolução tecnológica que se iniciou no século passado, ganha força no século XXI com a realização de grandes eventos mundiais, em cujos encontros as comunidades política, econômica e acadêmica internacionais com poder se reúnem para definir movimentos de incorporação de grandes massas humanas – as “minorias” sem poder – em suas agendas econômica, política e também educacional, porque as massas devem ser preparadas para responder às demandas geradas pela era da informação, da globalização e da sociedade do conhecimento.” (FERREIRA, 2015, p. 301).

Neste trecho, são tratados como minorias os grupos historicamente marginalizados e que passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direito pelas potências mundiais em meados dos anos 1990. Esse reconhecimento foi impulsionado por mudanças hegemônicas, em que as classes dominantes utilizaram discursos aparentemente inclusivos para consolidar suas agendas, porém, visando manter as desigualdades. A globalização e a revolução tecnológica intensificaram esses processos, com eventos como o Fórum Econômico Mundial (FEM) definindo estratégias globais que muitas vezes beneficiaram elites econômicas.

Paralelamente, ocorriam movimentos como o Fórum Social Mundial que desafiaram essas estruturas, propondo uma agenda inclusiva e participativa. No campo educacional, surgiram iniciativas como "Educação para Todos" (UNESCO), além da Declaração de Salamanca (1994), que ampliaram a atenção a grupos vulneráveis, destacando a necessidade de uma escola inclusiva. No entanto, mesmo essas ações podem refletir interesses econômicos e de poder, pois inserem os marginalizados em um sistema que responde a demandas do mercado global, apesar de já representarem parte das necessidades destes grupos.

No Brasil as primeiras movimentações acerca de mudanças curriculares apareceram em meados dos anos 2000, quando políticas públicas começaram a ser pensadas para tratar da parcela desprivilegiada da população. Populações essas que segundo a autora começaram a se apropriar do termo diversidade, grupos que têm em comum o fato de que experimentam a desvantagem, seja na forma de não acesso aos bens sociais e culturais, seja na forma de exclusão educacional, de violação ao seu direito de participação ou porque sofrem preconceito e discriminação sutil, explícita ou, às vezes, escancarada. As desvantagens vividas por membros dos grupos que se “encaixam” na esfera do termo diversidade são

infinitas e impossíveis de serem mapeadas porque elas acontecem no dia a dia, em alguns segundos, e somente são percebidas ou seus efeitos são sentidos por aqueles que os viveram.

“O reflexo de tal desigualdade entre grupos sociais está nitidamente visível na história da educação, que mostra como as escolas foram pensadas e desenhadas para um pequeno grupo de privilegiados social, econômica, política e culturalmente (RIVERO, 2000; DELORS, 2000; REICH, 1997). Ou seja, sua estrutura, funcionamento, metodologias de ensino e currículo, principalmente, ao longo de séculos asseguraram a perpetuação da desigualdade social.” (FERREIRA, 2014, p. 77).

Partindo desse retrospecto sobre como o termo entrou em pauta e ganhou grande visibilidade, pode-se dizer que essa discussão ainda é bem recente. Durante a realização das entrevistas, L ressaltou que essa temática não era nem pensada quando iniciou sua carreira, e, principalmente agora, tem estudado bastante para dar conta destas discussões. Sabendo deste contexto, ao pensarmos no Brasil acerca da diversidade, estamos falando sobre o quê exatamente?

A ideia de diversidade por vezes é colocada como um contraponto em relação à “normalidade”, mas o que seria essa normalidade? Ao pesquisar o que é uma pessoa normal, me deparei com o seguinte trecho: “Quando dizemos que um determinado indivíduo é normal, queremos dizer que ele pode apresentar características como aparência e comportamentos que sejam padrão a maioria da população, tornando-se algo socialmente aceitável e comum.” (Richards et.al.,2015).

Para entendermos as bases desta afirmação, precisamos partir da origem histórica do país, ao compreendermos que a sociedade brasileira se formou a partir de um movimento de colonização liderado por países europeus, principalmente Portugal. Com este movimento, os grupos indígenas que já estavam neste território sofreram com a dizimação em massa de seu povo, escravização e opressão. Como recurso econômico, o trabalho escravo foi adotado e assim introduziram mais indivíduos nessa equação: negros escravizados. Estes indivíduos realizaram a diáspora forçada e se separaram de seus locais de origem, sendo colocados em grupos com idiomas diferentes.

Partindo deste ponto já é possível identificar algumas coisas: a cultura valorizada e vista como relevante era a associada aos colonizadores, pessoas brancas e europeias, sendo assim, esse era e ainda é o grupo com mais privilégios e acessos. Já a parcela da população que foi oprimida e dizimada, sendo esses os negros e indígenas, foram colocados como inferiores. Mesmo se passando alguns séculos desde o fim da escravidão no Brasil, essas minorias ainda sofrem com a violência e a marginalização.

“A colonialidade (...) é um padrão subjetivo de subalternidade do sul global perante o norte global, uma subalternidade para além da dimensão territorial. Ela também está relacionada à construção de um padrão ético, estético, epistêmico, cultural, religioso, tudo isso atravessa padrões de colonialidade.” (CARINE, 2023 pag, 84).

Há também, na discussão acerca das diversidades, aqueles que possuem algum tipo de deficiência, pois não se encaixam dentro da normalidade procurada. Durante muito tempo, as pessoas com deficiência eram frequentemente tratadas como "anormais" ou "menos dignas", como traz Alexandre Assis Tomporosk no artigo Educação especial, o longo caminho: da antiguidade aos nossos dias, de 2019: “educação especial é um processo relativamente novo, pois, em outras épocas, a pessoa com deficiência não era considerada como alguém que possuía direitos iguais e que deveria ser incluída”. Na educação, a inclusão de pessoas com deficiência está avançando aos poucos, com leis¹⁰ que protegem seus direitos ao acesso à educação, saúde, dentre outras.

Além destas, as diversidades se estendem a outras questões, como por exemplo, gênero, idade, culturas, sexualidade, etc. Muitas vezes, ao se tratar daquilo que consideramos diverso, partimos de uma experiência de vida que é diferente da nossa, como salienta G. ao responder à primeira pergunta sobre o que é diversidade: “é algo que tem a ver com a experiência humana, porque não é todo mundo que experiencia a vida e as coisas da mesma maneira”. E que completa L.: “pessoas diferentes, são coisas diferentes, mas ao mesmo tempo devem estar todas ocupando o mesmo lugar, tendo a mesma oportunidade, independentemente da cor, independente do físico, da aparência”. (L., entrevista pessoa, 13 de nov de 2024).

¹⁰Lei nº 13.146/2015, Lei Brasileira de Inclusão (LBI), tem como objetivo assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania

2.3 Desafios encontrados ao tratar da temática Diversidades na sala de aula

Partindo do histórico e dos conceitos apresentados anteriormente, a pergunta seguinte a se fazer é: o que é um ambiente diverso? Quando questionei G. se ela achava que o ambiente da escola que ela atualmente trabalha é diverso, esta foi a resposta trazida:

“Eu acho que essa escola tem uma diversidade diferente, um pouco diferente do que eu já vi em outros lugares, porque quando a gente fala de diversidade, principalmente falando em relação, falar primeiro da questão étnico-racial, a gente pauta muito na presença de pessoas negras, indígenas, e às vezes a gente fala das pessoas pardas, eu acho que elas são um pouco esquecidas dentro desse processo, a gente acaba, dependendo do contexto, uma criança parda, ela acaba sendo lida como branca e dependendo do contexto, essa criança parda às vezes vira negra, né? Então eu acho que depende muito assim do contexto. Uma coisa que me chama atenção em relação à diversidade daqui, é porque a gente consegue enxergar ela mais por conta das famílias asiáticas que tem aqui. Então eu acho que quem acaba pautando mais a diversidade, porque é isso, corpos negros no ensino fundamental eu não consigo contabilizar. Eu sei que tem crianças aqui que eu as identifico como pardas, mas eu acho que por elas estarem num contexto muito branco acabam sendo identificadas como tendo uma passabilidade de criança negra, então eu acho que também isso tem muito a ver com a experiência e com o contexto, né? Falando de diversidade aqui (...), eu acho que ela acaba se dando mais por conta das crianças miscigenadas e por conta das crianças asiáticas. Mas é isso, eu não consigo também decifrar o tanto que essas crianças se lêem como diferentes dessa totalidade. Eu acho que, por exemplo, os asiáticos aqui (...), eles acabam se agrupando, isso é um movimento que acaba acontecendo. Então, eu acho que a diversidade (...) se dá muito pelo público asiático. Eu observo assim que dependendo da turma elas acabam se agrupando; elas criam ali uma comunidade dentro das turmas (...), algo que eu observo também que acontece com os alunos do Fundamental II, assim, na hora do almoço, que é o momento que eu tenho contato, assim, mais com os outros ciclos da escola eu vejo esses alunos que, não coincidentemente são os alunos bolsistas, que são os alunos que são pardos e que depender do ambiente são negros da escola, eles também tem ali um agrupamento que eu acho, eu acabo decifrando isso também um pouco como uma forma até mesmo de defesa, sabe, no lugar deles conseguirem por conta de uma identificação que eles têm racial, étnica, social, de costumes, de cultura, essas crianças acabam se aproximando(...) eu falei da questão da diversidade social e da diversidade étnico-racial, mas também tem a diversidade da neuro divergência, né? Eu não acho que aqui, como um colégio extremamente conteudista, acolha crianças neuro divergentes. Então eu acho que essa também é um tipo de diversidade que a gente não vê aqui e que é importante ver, e eu acho que ela não está presente por conta do projeto pedagógico da escola, né? Que é uma escola que as famílias acabam optando

por colocar, porque, enfim, tem essa perspectiva do mercado de trabalho, de ser conteudista. Então, essas outras formas de viver a diversidade, elas também não são presentes aqui. A gente não enxerga isso. Eu vejo também algo como muito positivo: as crianças poderem ter contato com essas diferenças, né? Sejam elas culturais, sociais, raciais, ou até mesmo de tempos, né? Tempos de aprendizagem, enfim, né? Desses questões que vão para além dessas outras diferenças.” (G.entrevista pessoal, 06 de nov. 2024).

Este relato apresenta uma contextualização breve de como é o público da escola. Para situar um pouco melhor, o colégio descrito está localizado no bairro Paraíso, próximo à linha verde e azul do metrô de São Paulo. Os alunos em sua maioria habitam esta região ou bairros bem próximos. No Fundamental I, ainda não há programas de bolsa, portanto quem frequenta a instituição deve arcar com a mensalidade total e demais custos. Desta forma, é possível afirmar que alunos e famílias são de classe média alta ou alta e isso, por si só, delimita bastante o perfil dos alunos, já que considerando o que foi colocado anteriormente acerca dos acessos e distribuição de renda no Brasil, boa parte dos estudantes são brancos. Há também uma concentração de asiáticos bastante grande no colégio, em sua maioria imigrantes vindos da China por trabalharem em grandes empresas com filiais em outros países.

Partindo da definição de um público deste ambiente e constatando que a maioria pertence a uma situação financeira e cultural semelhante, como é a relação destes estudantes com essa temática? Há alguma dificuldade nesse entendimento? Ao questionar G, ela expôs que:

“Eu acho que tem uma questão que é uma dificuldade que parte do lugar... É que não tem muito como dissociar a questão da racialidade da questão da condição social, então eu acho que uma coisa é a gente falar de diversidade num espaço de educação pública, porque ali de fato a gente tem corpos que acabam sendo muito diversos e quando a gente está numa educação que é de uma escola privada e que é uma educação de elite, essa diversidade é isso, ela acontece de uma outra maneira e a gente tem que ter um outro olhar um outro tipo de abordagem. Eu acredito que num espaço como esse a gente pode e deve trazer referências variadas para as crianças conhecerem e sair um pouco daquela referência meio ocidental euro centrada. Na educação privada, como a gente tem uma... Majoritariamente as crianças são brancas e a gente tem algumas crianças pardas que passam por esse lugar da passabilidade branca, né? Porque, enfim, por conta da condição social, por conta do meio que elas vivem. Aí a gente tem que trabalhar com outras abordagens. Eu acho que é muito mais uma abordagem, assim, de conscientização e uma abordagem de racializar também essas crianças,

porque é importante também a criança branca também não se ver mais como norma, porque eu acho que elas se veem como norma e acabam vendo a diversidade como o diferente. Então acho que tem um pouco dessa conversa que a gente tem que ir fazendo junto com elas, delas também se entenderem como diversas a partir de outras perspectivas, eu acho que é um trabalho assim de avanço e tem o trabalho de recuo, tem que passar por um lugar um pouco de recuo delas conseguirem se tirar desse lugar da norma e se verem também como uma parte diversa que faz parte de um todo. Então, eu acho que a dificuldade maior é isso, a gente está falando com privilegiados. Então, como que a gente vai desenvolver um trabalho diverso, com perspectivas e referências mais diversificadas do que essas convencionais do currículo? Considerando que a gente está lidando com um público que é privilegiado de diferentes maneiras, socialmente, financeiramente, culturalmente, numa questão estética? Então, são outros caminhos que a gente tem que fazer nesse sentido da diversidade. E eu acredito que é um caminho muito árido, assim, a gente conseguir estabelecer essa conversa, não só com as crianças, mas também com as famílias, porque é uma provocação. É uma provocação que você tem que sair um pouco desse lugar, acho que de norma e desse pedestal, para você conseguir olhar pra esse mundo que vai para além daquelas referências que você tem, acho que de uma maneira mais... Ah, de uma maneira mais generosa." (G. entrevista pessoal, 06 de nov. 2024).

Isto que foi colocado por G. traz um caráter de reconhecimento dos alunos que frequentam a escola e de algumas barreiras que eles terão de derrubar pelo fato de conviverem com pessoas muito semelhantes a eles mesmos, sem transitarem por universos diferentes. Além disso, ao destacar que nessas relações há o perigo de os alunos se enxergarem como norma e as pessoas diferentes como estranhas, a professora conversa diretamente com o que escreve Nilma Lino Gomes em seu artigo intitulado Educação e Diversidade: Refletindo sobre as diferentes presenças na escola, no ato de perceber a si mesmo, segundo a autora, há o perigo de diversidade ser tratada apenas como diferenças visíveis. No entanto, ao ampliar a compreensão, pode-se perceber que as diversidades envolvem tanto diferenças observáveis quanto aquelas construídas historicamente, nas relações sociais e de poder.

Muitas vezes, as sociedades tornam o "outro" diferente para justificar a dominação. É importante refletir sobre a relação entre "eu" e "outro", abordando semelhanças e diferenças constantemente, como coloca G. em sua fala quando diz que é importante o ato de colocar a raça em pauta, para que as crianças se percebam: de haver a reflexão acerca de sua cultura e origem para que entendam e concebam a existência das diferenças. Essas discussões podem parecer de caráter individual, mas é como uma análise política, pois está diretamente relacionada às relações de poder e aos padrões que regem essas relações.

Se tratando agora da escola em que L. trabalha, a instituição está localizada no bairro do Rio Pequeno, e atende as crianças que moram na região e entorno, do primeiro até o nono ano do Fundamental II. A escola lida com pessoas de perfil socioeconômico ligadas à classe média baixa e baixa, e consequentemente possui mais pessoas negras e pardas. Há também famílias de imigrantes, principalmente bolivianas e venezuelanas, que vieram ao Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida e acabaram se instalando por essa região da zona oeste.

Ao questionar L. sobre possíveis dificuldades de lidar com a temática da diversidade em sala de aula, a resposta se mostrou um pouco diferente da dada por G.:

“(...) penso que, por eu ser negra, eu não tenho tantas barreiras. Eu vejo as minhas amigas, que são professoras, que não são negras, elas têm mais dificuldade em abordar o assunto, em falar sobre o assunto. E eu lembro que um ano eu comecei a abordar esse assunto e as crianças minhas, que eram brancas, falando “não, eu sou negra também”. Porque eu não sei, se identificou com o professor. Eu não vejo muitas barreiras e, aliás, eu até me surpreendo com a edificação dos humanos, entendeu? Eu não tenho muitas barreiras, não, mas eu percebo, sim, que existe essa coisa de preconceito, de cor, preconceito, mas não é tão gritante, não. (...) Embora mesmo na escola pública, que eu acho que a escola, eu sou defensora da escola pública, a escola pública abra pra todo mundo, acolhe todo mundo, mas mesmo na escola pública o universo de pessoas negras não é tão grande. Não é tão grande assim. Só que nós temos um bom potencial, nós temos muitos alunos. Esse ano, principalmente lá na escola, tem muitos alunos com deficiência. Muitos. Isso ajuda muito a integração, ajuda muito um olhar diferenciado. Eu acho que ajuda bastante.” (G., entrevista pessoal, 06 de nov. 2024).

Para além da questão racial da professora que expôs ser mais fácil lidar com essas temáticas por fazer parte dessas pautas, há um ponto interessante a ser notado: a presença de corpos diversos em um mesmo ambiente. Há uma relação direta desse fato com a frase dita por Viviane de Araújo na palestra “Diversidade e inclusão: conviver transforma”,¹¹ na qual a palestrante afirma que para que nós consigamos nos transformar devemos nos permitir conviver com aqueles que nos tiram de nossas ilhas de referências e encarar com seriedade e generosidade as questões que permeiam cada pessoa.

¹¹ARAÚJO. Diversidade e Inclusão: conviver transforma. Youtube, 28 de mai. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K4_PEHfZqJA&t=1

Ao questionar as entrevistadas se elas achavam ser papel da escola trabalhar sobre diversidades com os alunos, ambas disseram que sim, que por se tratar de um ambiente que une pessoas muitos diferentes e que carregam suas vivências para esse lugar, cabe a escola se colocar como um primeiro local de convívio para os alunos. Há também um aspecto interessante do ambiente escolar, pois não se trata de uma relação familiar, que é uma vivência privada, e sim sobre um movimento plural, de todos aprenderem juntos, em que conflitos ocorrem, problemas aparecem e essas são oportunidades de os estudantes e demais membros da comunidade escolar aprenderem a lidar com diferenças.

2.4 Caminhos possíveis para se trilhar

Ao analisar os pontos levantados até aqui por cada professora, percebemos que de acordo com a faixa etária e relações estabelecidas pelas crianças, as questões que mais se pronunciam ao pensarmos em suas vivências com a diversidade na escola estão relacionadas a relações étnico raciais, presença de crianças com algum deficiência, de diferenças culturais e socioeconômicas.

Os desafios de trabalhar tais aspectos são inúmeros, mas cada entrevistada trouxe um pouco do que vem adotando nas escolas. A professora L., ao ser convidada a contar sobre seu trabalho, admite que no início da carreira não pensava muito sobre tais questões, até porque era uma agenda pouco discutida, mas que agora procura se manter atualizada para construir um trabalho cada vez melhor. Em um trecho da entrevista, ela admite que neste ano de 2024 construiu um projeto que melhor atingiu suas expectativas de resultado com a turma. Hoje, leciona para os alunos do 2º ano do Fundamental, crianças entre sete e oito anos de idade, e o projeto que desenvolveu com a turma se relaciona muito com a construção de noção de si trazida anteriormente por Nilma Lino Gomes:

“Eu vou falar do trabalho desse ano (...) você lembra que eu fiz, no terceiro ano, que eu fiz o cabelo, que eles desenharam os cabelos e eu li os livros. Então, eu toquei mais ou menos naquele estilo, mas com uma temática diferente. Eu comecei fazendo eles se identificarem. Eles primeiro se conhecerem para a gente poder discutir o respeito. Então, começamos um trabalho de identidade, onde todos se desenhavam, nós fizemos com aquele papel craft, em dupla, eles se desenharam, e cada um depois fazia o contorno. Eles fizeram os olhos, os cabelos, do jeito que eles são. Do jeito que eles imaginam que eles são, o que eles queriam, colocaram, desenharam roupas. E aí nós discutimos sobre isso, são vários passos, esse foi o primeiro. E em contrapartida, veio um questionário - que eles fizeram a provinha de São Paulo. Chegou um questionário para o pai responder no qual o pai tinha que responder qual era a cor do filho. Eu tinha até esquecido do questionário que estava guardado. Aí, em sala, eu perguntei: “como vocês se veem?”, e eu comecei a falar da consciência negra, que no dia 20 se comemora, e o que era essa consciência negra, o que a gente estava pensando, o que eles pensavam. Aí, um menino que é negro falou assim: “ô fulano, então dia 20 é seu dia, é dia dos pretos”. E eu peguei e falei assim: “mas por quê? Primeiro que não é dia dos pretos, a gente está tendo uma discussão sobre consciência, que todas as pessoas são iguais, que a gente tem que respeitar, independentemente da cor, do cabelo, aquela coisa toda. Eu falei, “e você?” Aí ele ficou olhando

assim, parado. “E como é que você é?” Aí eu lembrei do questionário, peguei o questionário e dei na mão dele porque eles já leem, né? Graças a Deus. Eu peguei o questionário e entreguei, dando a questão sobre identificação, dizendo: que cor que vocês são? Aí ele abriu, quando ele abriu: “eu sou preto, eu sou preto. Ele ficou muito muito feliz, muito feliz. Depois (...) a gente fez uma exposição e as outras turmas foram lá e eles deram um depoimento sobre isso. (...) Mas ele ficou muito feliz. E no vídeo que a gente fez, cada um queria falar uma coisa e ele: “Eu quero dar um depoimento, professora.” Aí ele falou... “Com esse projeto que a gente está fazendo, eu descobri que a minha cor é preta.”

E aí, pra mim, é assim, sabe? Era muito comum que antigamente, quando a gente falava: que cor que você é? “Eu sou branco.” “Aí, eu sou preto”. Agora, uma grande maioria: “eu não sou branco, eu sou pardo”. Mas que cor que tá lá? E aí eles foram ver a cor da identidade. Esse foi o primeiro passo. Agora a gente vai trabalhar no RG. Construir a identidade deles através do RG, que tem um documento que identifica todo mundo, e depois tem a dinâmica do espelho, que eles vão se olhar no espelho e se desenhar, e passo a passo. Tem perguntas, tem questões, a gente discute e tá muito bacana. Acho que é um dos melhores trabalhos que eu tô realizando sobre esse tema e com essa turma.” (L., entrevista pessoal, 13 de novembro de 2024).

Este é um relato de trabalho que trata sobre reconhecimento racial dentro de uma escola pública, com crianças ainda em fase de alfabetização. Ao pensar na racialização de todas as crianças, confere aos alunos o poder de entender que todas as pessoas devem ocupar os mesmos lugares. Segundo o artigo “A escola no processo de autoidentificação racial”, por Patrícia Monteiro de Santana, a promoção deste conhecimento dentro das escolas proporciona que as crianças tenham acesso a uma história que não seja única, como pontuado por Chimamanda Adichie em sua palestra no TED Talk do ano de 2009¹². Ao pensarmos em crianças educadas em uma perspectiva antirracista e inclusiva, pensamos em sujeitos que compreendem seus direitos e que não aceitam mais estar dentro da lógica colonial.

Uma questão que deve ser evidenciada aqui é de que neste contexto da escola, a classe da professora L. possui alunos muito diferentes entre si, contando com a presença de crianças, brancas, negras, pardas, de outras nacionalidades e neuro divergentes. Segundo ela, este contato favorece a compreensão dos alunos sobre si e sobre os outros.

Mas como funcionaria esse processo em uma escola em que as diferenças não são tão evidentes? No colégio em que G. está inserida, a maior parte dos alunos são brancos, e, numa

¹² ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda Ngozi Adichie the danger of a single story>.

proporção menor, há as famílias amarelas; em menor quantidade ainda, há alunos pretos e pardos, e, como pontuado anteriormente pela professora, há pouquíssimas crianças com deficiência. Essa homogeneização do público escolar mostra algumas barreiras dos estudantes acerca de algumas temáticas. E para tentar superar um pouco essa situação, ela adota algumas estratégias:

“O espaço da sala de artes é esse espaço de fato da diversidade (...), é o momento em que a gente utiliza ali para poder apresentar referências estéticas variadas; a gente vai falar de, por exemplo, só para dar um exemplo, a gente vai falar de autorretrato, como que a gente traz de repente artistas indígenas, artistas nipônicos, artistas afro-brasileiros artistas de outras origens, para poder trazer essa imagem da representação do autorretrato, que vai para além daqueles artistas, entre aspas, clássicos ocidentais, europeus. Então, a forma como eu tendo a trabalhar com a diversidade em artes, eu acho que parte muito disso, dos referenciais que a gente passa para as crianças, dos referenciais quanto ao corpo artístico, então a pessoa indígena, a pessoa africana, a pessoa afrobrasileira a pessoa tailandesa, a pessoa japonesa. e então, como que a gente vai trazendo esses outros, entre aspas, entre muitas aspas, mas esses outros corpos para além do corpo artista branco e homem, acho que também é isso, a diversidade vai se dar de muitas formas, na questão de gênero, na questão cultural, na questão racial, na questão também das referências de expressões artísticas que vêm muito de um contexto de classe também, né? Então, a diversidade, para mim, a forma como eu procuro trabalhar é dessa maneira, trazendo essas outras referências de corpos artistas, né? Para as crianças, outras formas de representação. Então, assim, a diversidade na arte, por exemplo, ela também acho que esbarra muito no lugar do realismo, que uma percepção que muitos de aprender que uma boa arte deve ser realista. Então, como que a gente traz esses outros traçados, essas outras formas de representação que não são tão realistas assim, e a gente aprende a olhar para elas e valorizá-las. Então, acho que falar de tudo isso também é falar de padrões de beleza, é falar de padrões estéticos. Então a diversidade, pra mim, ela acaba entrando muito nesse lugar e de ir trabalhando com as crianças também esse olhar respeitoso e sensível pra o trabalho do colega, pra o trabalho de si próprio, eu acho que um pouco desse lugar também de ajustes, de expectativas, porque quando a gente cresce achando que só é boa arte uma arte que é feita de uma determinada maneira, a gente acaba inibindo uma criatividade dentro de nós e um jeito de fazer que teoricamente não se encaixa naquilo que a gente espera e como que a gente aprende também a ver beleza nisso e acho que isso tem tudo a ver com a gente aprender a ver beleza em referências visuais das quais não nos ensinaram, a ver beleza, e isso tem a ver com a vida, né? Então tem a ver com manifestações culturais, tem a ver com padrões de beleza racial, tem a ver com a questão racial, com corpos, acho que tem a ver com tudo. Então acho que é um trabalho que às vezes ele é um pouco mais direto, mais direcionado

e às vezes é um trabalho que a gente vai fazendo que (...) parece subjetivo sabe, ele parece que não é isso que você tá trabalhando, mas na verdade é porque eu acho que isso vai sensibilizando, vai trazendo outras visões pra crianças e elas vão conseguindo se desenvolver e aprendendo a ter esse olhar assim mais afetuoso pra diversidade, pra aquilo que é diferente, pra aquilo do qual elas não estão acostumadas.” (G., entrevista pessoal, 06 de nov. 2024).

Com este depoimento, a professora expõe que o contato dos alunos com diferentes materialidades e referências não eurocentradas é o método adotado por ela para fazer essa ponte com novas realidades. Essa forma de pensar coincide muito com o que é trazido pela escritora Bárbara Carine, em um dos capítulos de seu livro *Como ser um educador antirracista*. Ela coloca que a diversidade não se constrói, se celebra. Com isto, ela quer dizer que os mecanismos para construir um ambiente mais amplo são os de incluir nos espaços pessoas, estímulos e conhecimentos diferentes, ou seja, pensar recursos, como por exemplo, quais serão as referências a serem apresentadas aos alunos, formas de execução das atividades e valorização de outros conhecimentos fora do padrão que encontramos aos montes no país. Neste livro, a autora conta sobre a Escola Afro-brasileira Maria Felipa, idealizada e colocada em prática por ela, e como vem testando diversas metodologias para cada vez mais construir um pensamento libertador e decolonizado.

3.VIVÊNCIAS QUE ME MARCARAM

Ambas as professoras salientaram em suas entrevistas a responsabilidade que carregam acerca destas temáticas, e a maneira que colocam essas pautas em seu dia a dia escolar. Ao longo destes dois anos em que pude conviver de perto com o trabalho de ambas, trago algumas situações de aulas presenciadas e suas metodologias para a construção de um pensamento crítico dos alunos com relação às pluralidades. Junto às práticas das professoras, trago registros de situações em que pude propor atividades e vivenciar um pouco mais de perto a dinâmica de ser professora.

3.1 Turma do 1ºD de 2023

Acompanhando o trabalho da Professora L. e, aprendi muito com sua prática e também pude estar à frente de alguns projetos. Trouxe agora quatro situações em que as diversidades foram tratadas de maneira lúdica e respeitosa com as crianças.

A primeira delas foi realizada a partir da revista Ciência Hoje das Crianças¹³, que os alunos recebiam mensalmente. Na edição do mês de Julho de 2023, a revista trazia no segmento “Baú de Histórias”, uma narrativa sobre a “Família Fermento” que contava sobre uma família que tinha vinte e dois filhos, cada um de um jeito. A escrita trazia um pouco sobre cada pessoa dessa família, suas características e gostos, mostrando que independente das preferências e aparências todos tinham um papel naquela dinâmica. Através da leitura os alunos foram se identificando com os personagens, e chegando à conclusão que as diferenças existem em todos os locais, mas que, através do respeito, às trocas e convivências se mostram possíveis.

¹³Revista feita pelo Instituto Ciência Hoje para despertar a curiosidade de meninos e meninas



Ilustrações da matéria “Família Fermento”, Bruna Assis Brasil, 2023

Outra situação importante para mim foi a minha primeira experiência ao realizar uma atividade com as crianças, na qual pude conduzir a construção do cantinho da leitura em cada uma das sala já que era responsabilidade das estagiárias realizarem a decoração. Assim, propus para a professora uma oficina de pintura com as crianças para confeccionarmos uma tenda que seria pendurada na sala. Ela concordou com a sugestão, e pensei em trabalhar acerca do livro do autor José Roberto Torero, que as crianças estavam lendo nas aulas da sala de leitura.

A história em questão chamava-se Branco Belo e Cinderelo, que trazia uma versão nova das tradicionais histórias de princesas contadas às crianças. Nesta versão, as mulheres saiam em busca de aventuras e monstros para derrotar, enquanto os príncipes ficavam nos castelos ocupados com as funções de cozinar, costurar e cuidar dos afazeres domésticos. Esta versão do livro despertou discussões aos alunos que muitas vezes extrapolavam o momento da aula de leitura, fazendo com que as crianças se questionassem sobre os papéis de gênero.

Lembro-me de uma aula em que tivemos que conversar com a turma pois alguns meninos não concordavam que as garotas brincassem com eles de futebol durante o intervalo, afirmando que era um jogo de homens. A professora teve que intervir explicando a eles que

essas coisas não eram mais ditas nos dias de hoje, e que houve um tempo em que realmente as mulheres eram impedidas de fazer muitas coisas, inclusive estudar, mas que com muita luta, hoje já não eram privadas de nada, inclusive de praticar um esporte como o futebol. Este evento ocorreu no início de 2023, no momento o livro que estavam lendo sobre os princípios ajudou-os a entender que homens e mulheres podem exercer as mesmas coisas, e devemos sempre buscar equidade em nossas atividades.

Essa discussão, juntamente com leitura, impulsionam as crianças a produzirem suas ilustrações acerca da história. Para a realização da oficina de pintura separamos uma manhã e levamos os alunos até a sala multiuso¹⁴ da escola. Conseguimos um pedaço grande de tecido de algodão cru para as crianças pintarem, enquanto a professora se responsabilizou pela compra de tintas de tecido, e os pincéis e godês pegamos da escola. Cada criança recebeu um pedaço de tecido e pintou da forma que preferia. Deixamos os desenhos secando na própria sala e depois os recolhi para costurá-los em um tecido maior para dar forma à tenda. Com um bambolê dando a estrutura circular e alguns ganchos fixados no teto, o cantinho de leitura do 1ºD nasceu.



Alunos realizando suas ilustrações do livro “Branco, Belo e Cinderelo”. Acervo pessoal, 2023

¹⁴ Sala destinada a atividades diferenciadas.



Ilustrações Secando, Acervo pessoal, 2023



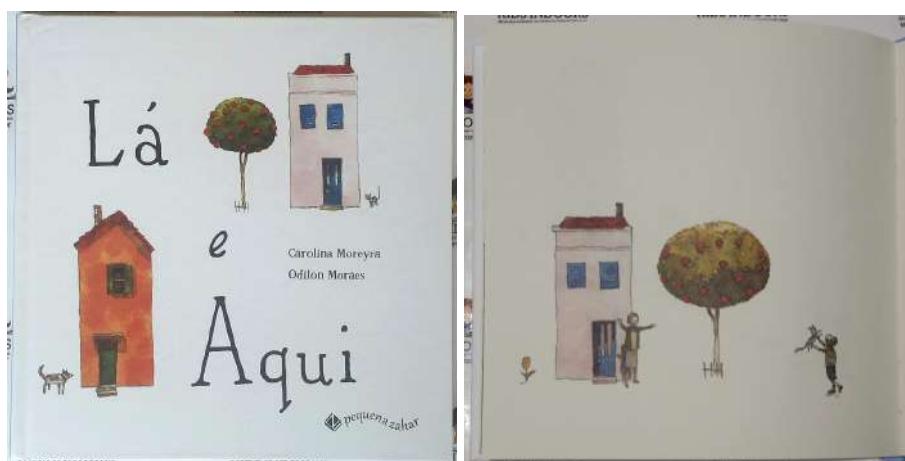
Cantinho da leitura finalizado, Acervo pessoal, 2023.

Outra discussão que me marcou bastante com esta turma foi quando uma mãe de uma criança chegou um dia na escola, avisando-nos que ela e o pai da aluna estavam em um processo de divórcio, e que por isso a filha andava muito chorosa, e chateada. Percebemos que naquela semana a aluna por vezes ficava muito quieta e desanimada, o que nos deixou em alerta.

Nesta mesma época, alguns livros infantis haviam sido colocados na mesa da sala dos professores, para que pudéssemos ler nos momentos livres e ver se algum nos interessava. Dentre eles estava um livro chamado: Lá e aqui, da escritora Carolina Moreyra, que contava sobre uma criança que vivenciava o momento de separação de seus pais e se adequa a essa nova realidade. O livro traz a história de maneira delicada, ressaltando o amor presente na casa do pai e também na casa da mãe, mostrando que o medo era da novidade, e não da

separação em si. Neste momento, eu e a professora pensamos que poderíamos usar essa frustração trazida anteriormente pela aluna para realizar uma conversa com a turma.

Naquela semana, a professora realizou a leitura coletiva do livro, e em seguida realizou uma roda de conversa, na qual, várias crianças compartilharam ter pais separados e ter esta realidade. E, para nossa surpresa, a aluna que alguns dias antes estava muito chateada com a situação e não havia nos procurado para conversar a respeito disso, compartilhou com os colegas que estava vivendo a separação dos pais, mas que se sentia sortuda pois, na realidade ela não tinha duas casas e sim cinco “a casa da minha mãe, do meu pai, do meu vô , da minha vó e da minha tia”. Depois dessa conversa a professora me pediu para eu pensar em uma atividade artística para realizar com as crianças, e me inspirei na capa do livro com uma ilustração de duas casas, para propor uma atividade de recorte e colagem com as crianças, para construírem suas próprias casas:



Livro lá e aqui, acervo pessoal, 2023



Alunos realizando atividade proposta, acervo pessoal, 2023



Registro dos cadernos, acervo pessoal, 2023

Como último relato, trago uma vivência realizada em durante o mês de Novembro, juntamente com o feriado do dia da consciência negra, os educadores da escola se organizaram para o evento chamado “Leituraço”, que se tratava de uma sessão simultânea de leitura com todas as turmas do fundamental 1 e 2. Neste ano, determinaram que as leituras deveriam estar dentro das temáticas antirracistas, e cada professor deveria escolher uma obra que trouxesse elementos da cultura negra/indígena. A professora L escolheu trabalhar com o livro: Com qual penteado eu vou? escrito por Kiusam de Oliveira, que contava a história de um avô que faria uma festa de aniversário na qual todos seus netos compareceram, mas, cada um com um penteado diferente.

Para a contação, a professora pediu que eu confeccionasse com os materiais da escola mesmo, uma boneca com cabelos, para que as crianças pudessem interagir durante a contação de história. Assim, confeccionei a carinhosamente apelidada:”Jussara”, com garrafas pet, jornal, cola, retalhos de tecido, tinta e lã. A contação de histórias funcionou muito bem e o recurso interativo auxiliou um dos alunos presentes, que estava dentro do espectro autista, sendo não verbal, que ficou quase toda a seção explorando os detalhes da boneca.



Boneca Jussara, Acervo pessoal, 2023



Registros do “Leituraço”. Acervo pessoal, 2023.

3.2 Turmas do 4ºano de 2024

Partindo para a experiências que vivenciei na escola, em que hoje estou, resolvi trazer algumas aulas dos 4º s anos, pois acredito que o conteúdo tenha se alinhado ao que foi trazido pela professora G. ao longo das entrevistas. Ao longo dos relatos dos conteúdos e aula, trouxe algumas participações realizadas por mim. O conteúdo desta série, voltou-se ao estudo da cidade e seus signos, e os alunos realizaram atividades partindo de seus conhecimentos acerca deste conteúdo. A primeira proposta que vou relatar foi a produção de mapas sentimentais de cada um, contendo os ambientes mais importantes para cada criança, como por exemplo: a escola, casa de avós, parques que frequentam, dentre outros. Essa produção fez com que os alunos percebessem que haviam similaridades e diferenças nos ambientes que viviam, ou seja, locais como a Avenida paulista, o bairro paraíso, sesc vila mariana e o parque Ibirapuera foram elementos que apareceram em boa parte dos desenhos, nos mostrando qual tipo de local estavam habituados. Assim como houveram alunos, que registraram locais que não pensamos que iriam aparecer, como por exemplo um prédio em Taiwan, afirmando este ser o local que morava quando ia passar as férias em sua cidade natal.

Durante essas aulas, vendo a produção dos alunos, me veio em mente o trabalho que realizei durante o Trabalho de Conclusão de Curso do bacharelado, intitulado: espaços da memória, no qual me propus a investigar através de imagens de satélite a paisagem do bairro em que cresci em Diadema o Eldorado, e posteriormente produzi uma peça com costura, bordado e impressões de xilogravura em tecido sobre esse local. Ao contar sobre esse trabalho para a Professora G., ela me convidou a levar a peça na aula seguinte para mostrar aos alunos e contar um pouco de como foi o processo, para que as crianças vissem que eu também havia estudado acerca deste tema e enxergassem relação nos nossos trabalhos.



Registros de alguns dos mapas sentimentais realizados pelos alunos, Acervo Pessoal, 2024.



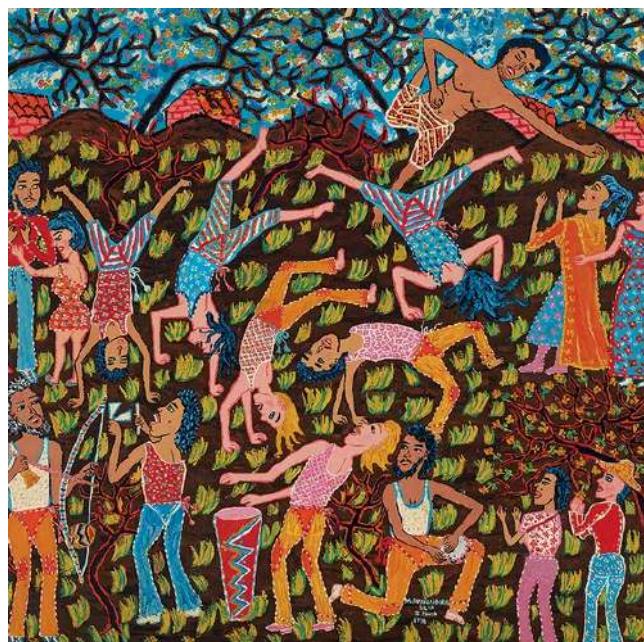
Registro do trabalho “Espaços da Memória”, acervo pessoal, 2024.

Ao longo dos meses novas reflexões acerca da cidade foram iniciadas, pois ao pensarmos nos elementos presentes em cidades, falamos também de praças, monumentos, construções, organização urbana e também das pessoas. Algumas das aulas que mais me marcaram neste processo foram: A aula sobre Manifestações Culturais e Monumentos.

Esses tópicos começaram a aparecer a partir do mês de Junho, quando aprofundaram os estudos acerca das Manifestações Culturais nas cidades, se preparando para uma saída técnica ao Museu Afro Brasil Emanoel Araújo. A aula preparatória ao museu foi realizada

por mim, já que, a professora G. estaria acompanhando outra turma no dia. As orientações para a realização desta conversa com os alunos foram passadas a mim pela professora, e eu deveria abordar com eles os seguintes assuntos: “O que são manifestações culturais?” e “como vivemos nas cidades e criamos arte e cultura neste espaço?”.

A partir destes questionamentos aos alunos, estabelecemos a ideia de que as manifestações culturais são conjuntos de crenças e costumes de certo povo e que podem ser expressadas através de imagens, sons , música, e festividades. Sabendo disso, perguntei aos alunos se já haviam participado de algo assim, e a maioria se lembrou de festas como o Carnaval e o São João. Partindo dessas ideias, expliquei o que eram cortejos e qual sua relação com as ruas. Vimos obras da artista Maria Auxiliadora, que retratavam festividades, para assim identificarmos os diferentes elementos contidos nas representações, tais como: objetos, vestimentas, adereços e os participantes. As obras mostradas foram as seguintes:



Capoeira, 1970 (Foto: Divulgação MASP)



Festa junina II, 1974 (Foto: Divulgação Masp)

Após essa discussão, dividi a sala em grupos de três alunos, nos quais deveriam pesquisar juntos sobre uma das seguintes manifestações culturais: Caboclinho¹⁵, Reisado¹⁶, Batuque Paulista¹⁷ e Cavalo Marinho¹⁸. Após levantarem informações acerca de sua história, e suas características, deveriam realizar uma ilustração conjunta em aquarela acerca daquela festividade. As pesquisas serviram posteriormente para realizarem uma atividade durante a visita ao Museu. Este momento de busca, fez com as crianças descobrissem sobre festividades que não conheciam, e proporcionou a eles um olhar descentralizado a respeito da cultura do país, ao entrarem em contato com as práticas artísticas de diferentes cidades.

¹⁵ Caboclinho: é uma dança folclórica executada durante o Carnaval em Pernambuco representando a cultura indígena.

¹⁶ Reisado, também conhecido como Folia de Reis, é uma manifestação popular que celebra o nascimento do menino Jesus e rememora a visita dos três reis magos a Belém. Acontece em vários locais do Brasil.

¹⁷ Batuque Paulista: Herança deixada pelos antigos escravos. Rememora e perpetua a tradição de danças de terreiro, com as suas umbigadas e o som da percussão.

¹⁸ Cavalo Marinho: é um manifestação que envolve várias linguagens como dança, teatro e música, típico das regiões de Paraíba e Pernambuco.



Registros realizados durante a aula preparatória para saída ao Museu Emanoel Araújo. Acervo pessoal, 2024.

Na aula sobre monumentos, G. apresentou aos alunos algumas imagens de obras bem conhecidas em São Paulo, como por exemplo o Borba Gato¹⁹ e o Monumento às Bandeiras²⁰, e perguntou a eles o que sabiam a respeito dessas obras. Muitos disseram que as conheciam de vista, mas que não sabiam exatamente do que se tratavam. Com alguns questionamentos adicionais, como: "Para que serve um monumento?", "O que ele está querendo nos dizer?" e "Qual a sua importância?", estabelecemos com os alunos a ideia de que um monumento é importante porque conta uma parte da história do nosso país e serve para homenagear uma causa ou pessoa. Após essa definição, outro questionamento foi proposto: "Que história é essa sendo homenageada? Será que ela deve ser exaltada nos dias de hoje?". Assim, os alunos adentraram em uma investigação sobre os monumentos de São Paulo e qual a história eles contavam.

Através dos levantamentos, os alunos descobriram algumas narrativas que os deixam confusos, como por exemplo, que o Monumento das Bandeiras foi feito para homenagear os homens dos séculos XVI e XVII responsáveis por desbravar os territórios nacionais, sendo que suas principais funções eram: captura de escravos fugitivos, a escravização de populações indígenas. Eles ficaram perplexos ao saber que um monumento poderia honrar

¹⁹ A Estátua de Borba Gato é um monumento em homenagem ao bandeirante Borba Gato. Localiza-se na Praça Augusto Tortorelo de Araújo na cidade de São Paulo, distrito de Santo Amaro.

²⁰ O Monumento às Bandeiras é uma obra em homenagem aos Bandeirantes, que exploraram os sertões durante os séculos XVII e XVIII

pessoas que faziam coisas hoje vistas como criminosas, mas que na época em que eram realizadas faziam parte da realidade brasileira.

Iniciou-se uma discussão na aula, de que um monumento como este não deveria estar presente na cidade, pois exaltava um grupo que fez coisas ruins com outros. Esse contexto ficou mais interessante após a professora mostrar um vídeo aos alunos sobre as pichações realizadas neste monumento durante atos no ano de 2016²¹. Parte dos alunos concordava com a realização desses atos como manifestação, enquanto outros achavam que se tratava de ações criminosas. O próximo passo desta discussão, veio nas aulas sobre grafite/pichação, nas quais os alunos entraram em contato com essas linguagens, ainda muito estigmatizadas.

Através do contato dos alunos com essas temáticas, percebi que eles se tornaram bem mais questionadores a respeito do que mostramos para eles, se preocupando com a história contida por trás dos monumentos e se questionando acerca da presença deles nas cidades e o que isso dizia sobre a nossa sociedade.

Ao fim destas aulas, as crianças foram convidadas a realizar seus próprios monumentos com argila, e para isso deveriam escolher uma temática que considerassem relevante acerca da sociedade.



Exploração da argila, acervo pessoal, 2024

²¹Durante o ano de 2016, ocorreram atos de manifestação que consistiram na pichação e pintura dos monumentos.in

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/monumentos-amanhecem-pichados-com-tinta-colorida-em-sp.html>



Exemplos de monumentos criados pelos alunos, acervo pessoal, 2024.

4. Conclusão

Diante dos desafios e das complexidades da diversidade no ambiente escolar, é fundamental que cada instituição de ensino considere suas particularidades ao elaborar planos de ação voltados para o atendimento das necessidades presentes em sua comunidade escolar. A formulação de estratégias pedagógicas e ações que contemplem as diferentes realidades exige uma compreensão profunda do contexto e das especificidades de cada grupo, a fim de garantir uma educação inclusiva e equitativa.

As professoras entrevistadas neste estudo demonstram uma preocupação constante em adaptar suas práticas pedagógicas de acordo com os públicos que atendem. Elas, com recursos limitados, buscam maneiras de abordar questões muitas vezes negligenciadas ou pouco discutidas dentro do sistema educacional formal. Suas ações evidenciam o compromisso com uma educação que respeita e valoriza a pluralidade cultural, racial e social de seus alunos, ao mesmo tempo em que tentam romper barreiras históricas e sociais que ainda impactam a formação desses indivíduos.

Nesse contexto, a arte se apresenta como uma ferramenta de transformação. Como força motora e incentivadora, ela desempenha um papel essencial na superação de preconceitos, racismo e exclusão, criando um espaço para imaginar novas realidades e refletir sobre contextos difíceis. No trabalho realizado com as crianças do primeiro ano na escola da

prefeitura, a arte ajudou na expansão de seus repertórios, permitindo que compreendessem melhor suas vivências e se expressassem de maneira criativa. As diversidades, trazidas pelo próprio grupo, foram exploradas de forma que as crianças pudessem entender seus contextos e lidar com eles de forma ativa. Na escola privada, a arte desempenhou um papel semelhante, auxiliando os alunos a compreender novas realidades e a imaginar possibilidades, como na invenção dos mapas sentimentais e nas reflexões sobre histórias consagradas.

Este trabalho também me fez perceber a importância de ser generosa com os alunos no que diz respeito aos seus conhecimentos, acolhendo suas experiências e considerando suas particularidades. A prática pedagógica, ao respeitar e valorizar o que cada aluno traz consigo, permite a construção de um ambiente de aprendizagem mais justo e eficaz. Além disso, foi relevante para entender como atuar de forma diferenciada em cada ambiente escolar, visando formar alunos confiantes e conscientes de seus direitos e responsabilidades, de maneira respeitosa e inclusiva. A educação deve ser um espaço de crescimento pessoal e coletivo, em que as diversidades são não apenas reconhecidas, mas também celebradas.

Portanto, é essencial que as instituições de ensino não apenas reconheçam, mas também integrem as diversidades de forma ativa e reflexiva em suas propostas pedagógicas. A atuação das educadoras entrevistadas e o uso da arte como ferramenta pedagógica exemplificam como, através de suas possibilidades e da conscientização sobre as necessidades de seus alunos, é possível promover uma educação mais justa e sensível às realidades diversas. A arte, nesse sentido, contribui não só para o aprendizado, mas também para a construção de uma sociedade mais inclusiva, crítica e transformadora, quebrando barreiras históricas e sociais.

5. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda ngozi adichie the danger of a single story>.

Acesso em: 3 dez. 2024.

ARAÚJO. Diversidade e Inclusão: conviver transforma. Youtube, 28 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K4 PEHfZqJA&t=1>. Acesso em: 03 de novembro de 2024.

ASSIS TOMPOROSKI, Alexandre; LACHMAN, Vivian; BORTOLINI, Ernani. Educação especial, o longo caminho: da antiguidade aos nossos dias. *Revista Educação Especial*, v. 9, n. 21, p. 1-20, 2019. ISSN 2235-4099. Acesso em 5 de dez de 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 7 jul. 2015. Seção 1, p. 1

CARINE, Barbara. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta, 2023.

L. (entrevista pessoal). São Paulo, 13 nov. 2024.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Declaração de Salamanca e quadro de ação sobre necessidades educativas especiais. Salamanca, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2024.

FERREIRA, Windyz Brazão. O conceito de diversidade no BNCC: Relações de poder e interesses ocultos. [s.l.]: [s.n.], [2015]. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/582>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FERREIRA, Windyz Brazão. 'Pedagogia das Possibilidades': é possível um currículo para a diversidade nas escolas brasileiras? Cadernos CENPEC, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 73-98, jun. 2013. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/230>. Acesso em: 6 dez. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Educação e diversidade cultural: refletindo sobre as diferentes presenças na escola. Belo Horizonte, 1999. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5694852/mod_resource/content/4/educa%C3%A7%C3%A3o-e-diversidade-cultural-nilma-gomes.pdf. Acesso em: 03 de novembro de 2024.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Desafios da diversidade na escola. Revista Mediações, Londrina, v. 5, n. 2, p. 9-28, jul./dez. 2000.

MICHAELIS. Dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PANTOJA, Cleide Pinheiro; MAIA, Ana Carina Ferreira; RODRIGUES, Rosane do Socorro Pantoja; RODRIGUES, Francinete Souza. A importância do letramento racial na educação infantil. Ciências Humanas, [S.l.], v. 27, n. 128, p. 1-12, nov. 2023. DOI: 10.5281/zenodo.10183251.

G. (entrevista pessoal). São Paulo, 06 nov. 2024.